

4

CENTRO DE ESTUDOS DA POPULAÇÃO

E FAMÍLIA

POPULAÇÃO E SOCIEDADE



CEPFAM

Título:

POPULAÇÃO E SOCIEDADE – N.º 4/1998

Edição:

CEPFAM - Centro de Estudos da População e Família

Rua do Campo Alegre, 1055

4150-180 Porto

Telefone / Fax: (02) 6001513

<http://www.lettras.up.pt/cepfam>

E-mail: cepfam@mail.telepac.pt

Director:

FERNANDO DE SOUSA

Comissão de aconselhamento científico:

Professor Doutor Jorge Carvalho Arroiteia – *Universidade de Aveiro*

Professor Doutor Celso Almuiña – *Universidade de Valladolid*

Professor Doutor Lorenzo Lopez Trigal – *Universidade de León*

Professora Doutora Maria Helena Cruz Coelho – *Universidade de Coimbra*

Professor Doutor António Henrique de Oliveira Marques – *Universidade Nova de Lisboa*

Comissão científica:

Ângelo Vitor Patrício – *ISLA – Bragança*

Fátima Sequeira Dias – *Universidade dos Açores*

Fernando Alberto Pereira de Sousa – *Universidade do Porto*

Gilberta Pavão Nunes Rocha – *Universidade dos Açores*

João Ramalho Cosme – *Universidade de Lisboa*

Joaquim Manuel Pantoja Nazareth – *Universidade Nova de Lisboa*

Jorge Fernandes Alves – *Universidade do Porto*

Maria da Conceição Meireles Pereira – *Universidade do Porto*

Maria José Moutinho Santos – *Universidade do Porto*

Teresa Maria Ferreira Rodrigues – *Universidade Nova de Lisboa*

Execução de:

Gráficos Reunidos, Ld.ª – Porto

ISSN 0873 - 1861

Depósito Legal n.º 94 133/95

Tiragem: 750 exemplares

DINÂMICA DEMOGRÁFICA EM ÁREAS DE MONTANHA

A SERRA DO MARÃO

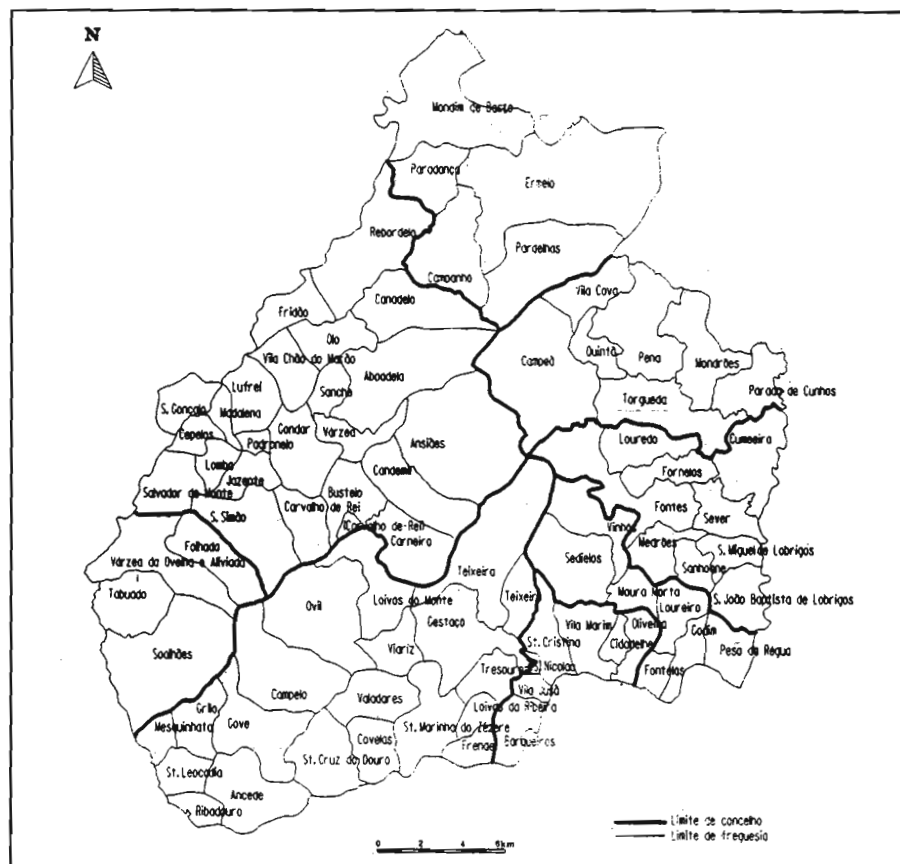
Fantina Tedim Pedrosa

1 – INTRODUÇÃO

Num contexto de economia de escala, de fortes níveis de produtividade, de internacionalização da economia, de competitividade dos mercados, as áreas montanhosas de perfil fundamentalmente agrícola apresentam-se à partida fortemente desfavorecidas. Aos constrangimentos de natureza física sobrepõem-se a sua desvalorização económica e a perda de vitalidade em recursos humanos. É comum dizer-se que o mundo rural está em crise. Mas se as áreas montanhosas não terão necessariamente de «morrer», também não poderão apenas sobreviver de apoios exógenos de fraca vitalidade e de reduzida «esperança de vida». Conscientes da amplitude alcançada pelos complexos processos de abandono dos campos, em particular das regiões do interior do continente, com os seus múltiplos problemas de degradação ambiental e paisagística, abandono do património construído, perda de recursos endógenos, empobrecimento e risco de sectores produtivos, morte da vida local e com ela desaparecimento de culturas e identidades, procuram-se respostas para contrariar êxodos e reanimar e vivificar lugares e aldeias já totalmente abandonadas ou em vias de o serem a curto e a médio prazo (C. CAVACO, 1994).

Neste cenário sombrio e limitado, o renascimento rural é uma visão multifacetada que não é fácil perseguir sem conhecer as condições físicas e humanas dos territórios. É neste contexto que pretendemos intervir, dimensionando a questão demográfica como elemento fundamental da sustentabilidade das áreas montanhosas. Tomando como exemplo a Serra do Marão (Fig. 1), pretendemos definir o comportamento das variáveis demográficas, numa abordagem ao nível da freguesia.

FIG. 1 – SERRA DO MARÃO: Divisão Administrativa



FONTE: Carta Administrativa de Portugal

2 – DA EXPANSÃO POPULACIONAL AO INÍCIO DA «CRISE»

Na segunda metade do século XIX, mais concretamente em 1864, residiam na Serra do Marão 76 775 pessoas. Mas os anos que se seguem são de expansão populacional, que embora, momentaneamente, interrompida entre 1911 e 1920, por factores conjunturais, atinge o seu máximo em 1950, altura em que contaria com 114 739 habitantes. O período com taxa de crescimento mais elevada foram os anos trinta (taxa de crescimento anual médio de 1,1 %). Desde então, a tendência inverte-se e assiste-se a um decréscimo populacional. O próprio acréscimo de 1,1 % entre 1970 e 1981 é apenas pontual e incapaz de significar inversão da tendência que se começou a delinear nos anos 50. Poderá relacionar-se com o abrandamento da saída de residentes, o regresso de emigrantes e o retorno de pessoas das ex-colónias, não sendo, no entanto, possível avaliar-se o peso relativo de cada uma dessas componentes. Estes movimentos não contrariam, todavia, de forma durável, as tendências dominantes de fuga populacional do interior (C. CAVACO, 1994), como comprova o decréscimo de 5,4 % entre 1981 e 1991. Nas últimas quatro décadas, a Serra do Marão perdeu 14,3 % dos seus habitantes.

Uma questão se coloca desde já: será que a Serra do Marão está perto de estabilizar o seu quantitativo populacional ou será que outros cenários se vislumbram?

Clarificar esta problemática implica que se conheça os contrastes em termos de dinâmica populacional que a Serra do Marão encerra e que é fundamental equacionar à micro-escala, para assim nos aproximarmos da realidade territorial, pois, de facto, não estamos perante um espaço populacional homogéneo. Por outro lado, não podemos deixar de referir o papel fundamental que em nossa opinião têm tido o aumento das acessibilidades e o reforço das competências dos centros urbanos. Estes, pela maior diversificação do mercado de trabalho, pelo crescimento económico que registam e pelos serviços que oferecem, têm visto aumentar a sua capacidade de fixação populacional. Na área em análise, está integrada a cidade de Amarante e do Peso da Régua. Existem ainda pequenos núcleos urbanos que coincidem com as sedes de concelho, mas cujo limiar populacional restringe a sua influência territorial. A cidade de Vila Real, embora periférica à área de estudo, influencia, em nossa opinião, a sua dinâmica. Mas será que estes núcleos urbanos são capazes de funcionar como um *dique* ao esvaziamento populacional das áreas rurais ou apenas funcionam como *filtro*?

Em 1864, das setenta e nove freguesias existentes¹, quarenta e nove tinham menos de 1000 habitantes e aí residia 36,2 % da população da Serra do Marão (Quadro I, em anexo). Nas vinte e quatro freguesias com 1000 a 2000 habitantes, concentrava-se 44,3 % da população. Nas seis freguesias com maior dimensão (superior a 2000 habitantes), residia 19,5 % dos efectivos populacionais da Serra do Marão. As freguesias mais populosas eram Ancede (3091 pessoas residentes), Peso da Régua (2818 pessoas) e Sedielos (2730 pessoas). Em 1950 a situação era significativamente diferente. Assim, não só se assistiu à redução do número de freguesias com menos de 1000 habitantes que passaram a ser trinta e seis, mas também as que tinham mais de 2000 habitantes ascendiam a dezanove e aí habitava 47,5 % da população da Serra do Marão. Peso da Régua era a única freguesia onde residiam mais de 5000 pessoas. Podemos assim concluir que o período em análise é de expansão.

De facto, no período considerado, se exceptuarmos Barqueiros (- 20,3 %) e Cidadelhe (- 0,5 %) que perderam população, todas as restantes freguesias assistiram ao aumento do número dos seus habitantes. Se em Oliveira, Quintã e Fornelos os acréscimos foram reduzidos (inferiores a 10%), em Fridão, Peso da Régua e Madalena a população mais do que duplicou. O exemplo destas três freguesias comprovam que as taxas de crescimento mais fortes ocorreram não apenas em áreas que poderemos considerar como urbanas mas também em freguesias rurais. Um outro exemplo pode ser dado por S. Nicolau e Teixeira com 39 % e 40 %, respectivamente, ou ainda, S. Gonçalo e Candemil, ambas com uma variação de 64%. Outras freguesias como Rebordelo, com características rurais, mas onde a actividade mineira foi importante, registaram, entre 1864 e 1950, uma variação de 90,4 %, isto é superior à de algumas freguesias urbanas já referidas.

Note-se, contudo, que as variações da população não podem ser interpretadas correctamente, na ausência de conhecimento do peso relativo das componentes natural e migratória que não dispomos para o período em análise². No intuito de ultrapassarmos esta contingência, optamos por utilizar um método indirecto de análise deste fenómeno – método do movimento natural – que, todavia, apenas aplicaremos à escala concelhia para o período anterior a 1950³. Se bem que limitando a amplitude das conclusões que se poderiam obter, esta opção possibilita-nos, no entanto, evidenciar uma aproximação, ainda que grosseira, à importância de cada uma das componentes referidas na evolução

da população. Nos municípios de Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião e Vila Real o crescimento populacional registado nos anos trinta não se deve apenas ao elevado crescimento natural, mas também aos saldos migratórios positivos. No entanto, na década seguinte, a situação alterou-se pois o balanço migratório foi francamente negativo. Nos restantes concelhos, nas duas décadas em análise, os saldos migratórios foram sempre negativos havendo mesmo, nos anos trinta, uma intensificação dos fluxos migratórios em toda a área. O peso da componente natural não sofreu alterações significativas. Se em Peso da Régua e Santa Marta de Penaguião sofreu um ligeiro decréscimo, nos restantes municípios passou-se precisamente o contrário.

3 – A SERRA DO MARÃO: Entre o Despovoamento e a Urbanização

Se até meados deste século o cenário demográfico da Serra do Marão foi de expansão populacional, após 1950, nova tendência se desenha. Como já referimos anteriormente, assistiu-se a um decréscimo populacional que todavia não foi generalizado a toda a Serra. De facto, à escala da freguesia, novas heterogeneidades se definem e poderemos apreender de uma forma mais objectiva os factores definidores dos contrastes espaciais.

Entre 1950 e 1991, assiste-se a um aumento do número de freguesias com menos de 500 habitantes (que passaram de cinco para quinze), um reforço das que têm mais de 5000 habitantes (que são agora três, enquanto que, em 1950, apenas Peso da Régua ultrapassava esse limiar) e um decréscimo daquelas em que residem 2000 a 5000 pessoas. As freguesias que apresentam em 1991 maior quantitativo populacional são Godim, Peso da Régua e S. Gonçalo com mais de 5000 habitantes. Em Ancede, Campelo, Santa Marinha do Zêzere, Mondim de Basto, Várzea de Ovelha e Aliviada e Soalhães, residem entre 2000 a 5000 pessoas, enquanto que, com 500 a 1000 habitantes, existem cinquenta e oito freguesias. As restantes quinze têm menos de 500 habitantes, sendo Pardelhas (207 habitantes) e Quintã (190 habitantes) as que apresentam menor número de residentes.

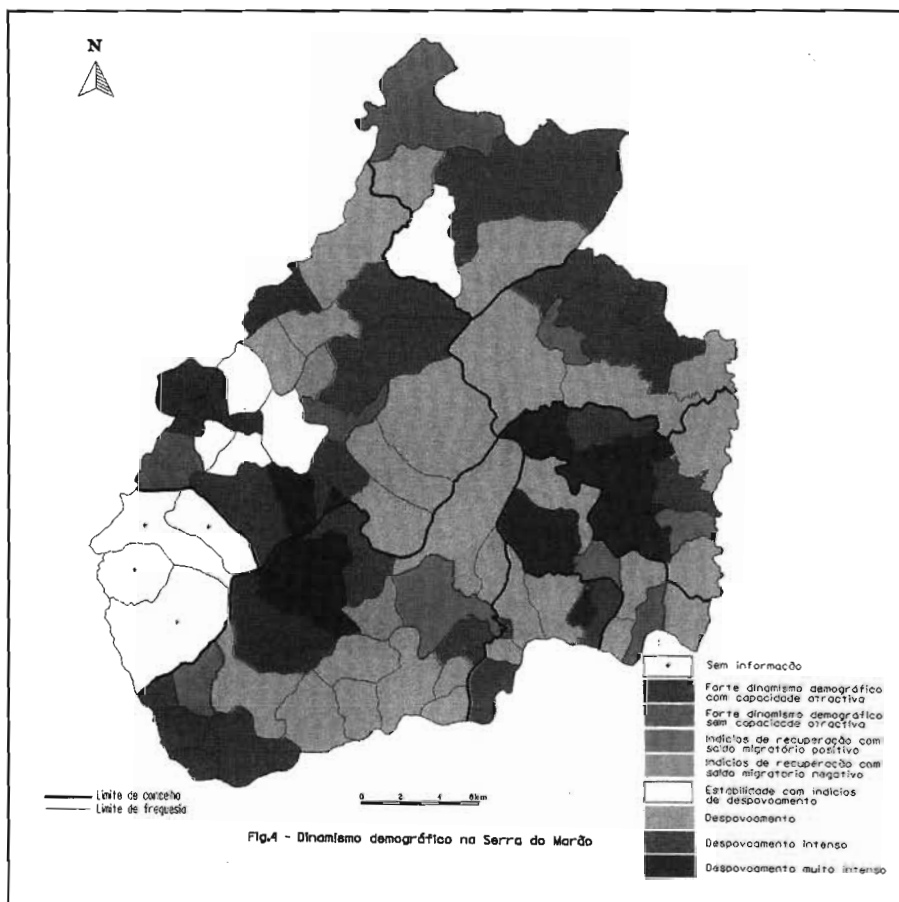
Em 1950, 2 % da população da Serra do Marão vivia em freguesias com menos de 500 habitantes, enquanto que esse valor ascende a 5,3 % em 1991. Se nas freguesias de maior dimensão populacional (> 5000 habitantes) residia apenas 5 % da população, esse valor atinge 16,2 %, em 1991. Mas o que se torna mais curioso é que esta «explosão» é um processo recente. Em face do que foi dito, pode concluir-se que a evolução demográfica da Serra do Marão, se traduziu por um acentuar das diferenças entre uma área cada vez mais extensa, sujeita a um processo mais ou menos intenso de despovoamento e, uma outra, em que o fenómeno urbano gerou mecanismos de «atração» ou, pelo menos, de «retenção» populacional.

Obviamente, não existe uma relação directa entre o comportamento demográfico e a dimensão populacional das freguesias, pois o coeficiente de correlação assume valores muito baixos. Com efeito os maiores decréscimos populacionais, entre 1950 e 1991, superiores a 50 %, ocorreram tanto em Sedielos⁴ (que em 1950 tinha 3330 habitantes), como em Canadelo e Carvalho de Rei (ambas com valores ligeiramente superiores a 500 pessoas). Pelo contrário, os maiores acréscimos (superiores a 50 %) ocorreram tanto em Godim e S. Gonçalo, que tinham em 1950 um pouco mais de 3000 habitantes, como também em Madalena, onde em 1950 residiam 792 pessoas. Pode dizer-se que das freguesias com menos de 1000 habitantes apenas 25 % viram aumentar a sua população

entre 1950 e 1991, enquanto que essa proporção ascende a mais de 46 % nas freguesias com mais de 2000 habitantes.

Apenas onze freguesias registaram em 1991 o seu máximo de população (Fig. 2). Sete delas integram o núcleo urbano de Amarante e algumas freguesias envolventes. Campelo, Mondim de Basto e Godim, onde se localizam as sedes dos municípios a que pertencem ou pelo menos parte delas, também atingiram o seu máximo populacional em 1991. Nestas mesmas circunstâncias, há ainda a considerar Mondrões, na periferia da cidade de Vila Real.

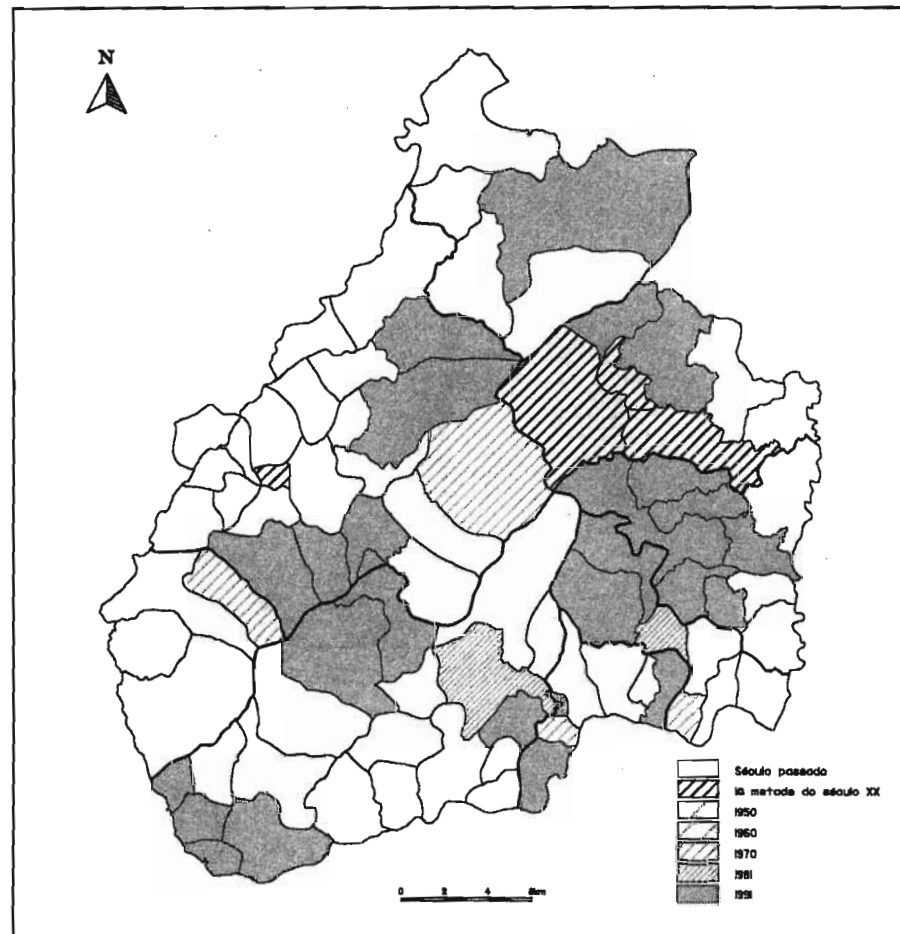
FIG. 2 – DATA DO MÁXIMO DE POPULAÇÃO



Os anos de 1950 e 1960 são um marco importante na análise demográfica da Serra do Marão pois para trinta e seis freguesias o máximo populacional foi então atingido, enquanto que para dez ele ocorreu em 1981 ou em 1970. Contudo, em relação a este aspecto, a Serra do Marão é um espaço de contrastes. Com efeito, se para cinquenta e sete das freguesias é na segunda metade do século XX que ocorre o máximo de população, para outras vinte ele tem lugar na primeira metade deste século. Em Barqueiros, Cidadelhe, Oliveira, S. Nicolau e Vila Jusã, o número de habitantes existente no século XIX nunca mais foi superado.

Em relação ao período em que foi atingido o mínimo de população, pode dizer-se que, para quarenta e cinco das freguesias da Serra do Marão, ele ocorreu no século passado, enquanto que, em Padronelo, Campeã, Quintã e Torgueda, foi na primeira metade do século XX que tal se verificou (Fig. 3). Nas restantes freguesias, o número mínimo de habitantes ocorreu em 1950 ou nas décadas seguintes. É, no entanto, de destacar que, para vinte e seis freguesias, 1991 representa o ano em que se atingiu o menor número de habitantes durante o período censitário (desde 1864 a 1991). Estas distribuem-se por três áreas preferenciais. Na localizada a oriente do eixo de maiores altitudes da Serra do Marão, é de considerar Fontes, Fornelos, Louredo, Medrões, Sanhoane, Sever, Sedielos, Pena, Vila Cova, Barqueiros, Cidadelhe, Oliveira e S. Nicolau. A Oeste, é de considerar sete freguesias do município de Baião (Ancede, Loivos do Monte, Mesquinhata, Ribadouro, Ovil, Sta Leocádia e Tresouras) e, ainda, Aboadela, Bustelo, Canadelo, Carvalho de Rei, S. Simão de Gouveia e Ermelo. A maior parte destas freguesias desde 1950 que têm registado contínuos decréscimos ou só tiveram um período de aumento. Estamos, assim, perante a área com maior despovoamento da Serra do Marão.

FIG. 3 – DATA DO MÍNIMO DE POPULAÇÃO



Em Canadelo, Carvalho de Rei, Sedielos e Sanhoane a taxa de crescimento da população, entre 1950 e 1991, foi inferior a - 50 %.

Mais uma vez se comprova o reforço da área urbana de Peso da Régua e, sobretudo, da de Amarante (S. Gonçalo, Madalena e Cepelos) e também o aumento da extensão territorial de menor peso demográfico, que é muito nitido.

Mas definir com precisão a área de maior despovoamento e, aquela que beneficia de um processo de atracção populacional, passa por conhecer a intensidade e o comportamento das componentes naturais e migratórias.

4 – PERDA DE VITALIDADE DEMOGRÁFICA: Entre a Tendência e os Contrastes Espaciais

Nos anos cinquenta, na Serra do Marão, nasceram anualmente, em média, 3009 indivíduos. O valor máximo nos quarenta e cinco anos em análise ocorreu em 1959 com 3200 nados-vivos. A partir de então, começa a delinear-se uma tendência decrescente, sendo de referir a quebra particularmente vincada entre 1980 e 1981 onde os nados-vivos diminuíram 320 efectivos e o quantitativo de 1981 nunca mais voltou a ser atingido. Nos anos noventa, em média, surgem, em cada ano, 1119 nados-vivos, o que representa uma redução de 63 % em relação à situação vivida nos anos cinquenta. Nessa altura, fruto da componente natural, acrescentava-se, em média, cerca de 1671 indivíduos por ano. Este valor tem vindo a diminuir com particular intensidade nos anos oitenta e noventa. Na presente década, o crescimento natural é, em média, de 166 indivíduos por ano.

A nível de freguesias, podemos definir com maior precisão as áreas onde já se registam crescimentos naturais negativos (Quadro II, em anexo) pelo que o aumento populacional só será possível pela inversão da tendência decrescente da fecundidade ou então pela componente migratória. Vejamos a diversidade de situações que ocorrem.

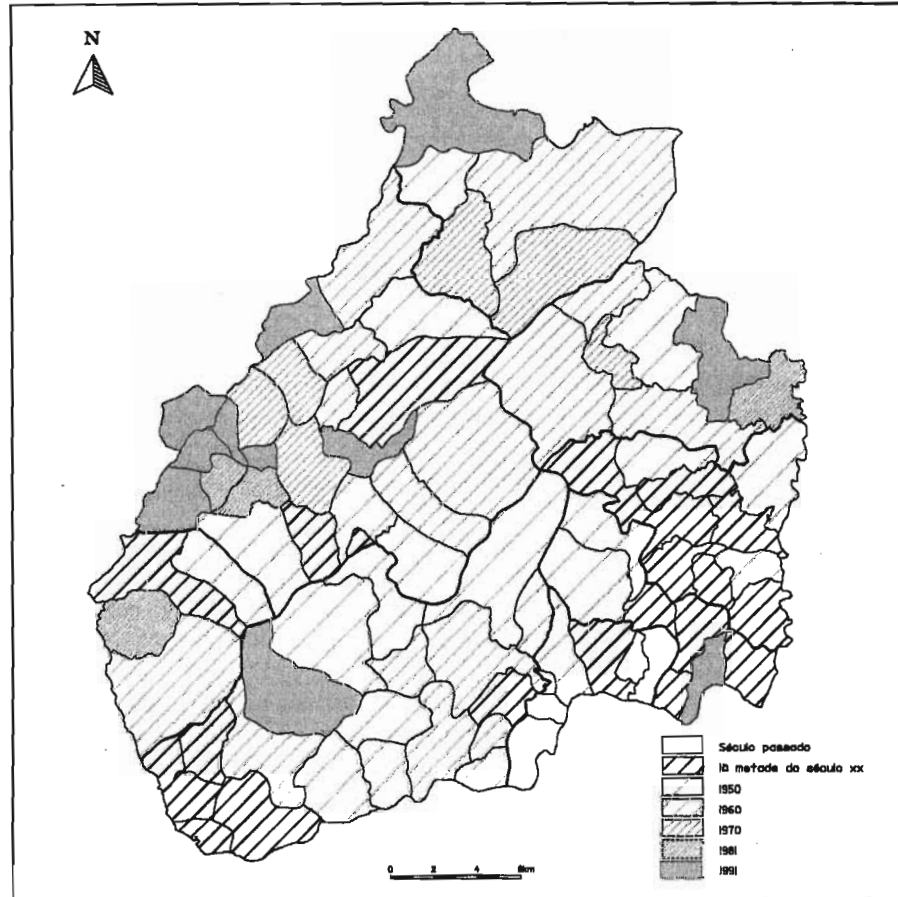
Em todas as freguesias verifica-se uma diminuição do número de nados-vivos que, todavia, não assumiu a mesma intensidade em todas elas. Se em Fontes, Pardelhas e Vila Cova o decréscimo foi superior a 85 %, em Madalena e S. Gonçalo, ele foi inferior a 25%. No entanto, pode dizer-se que na maior parte das freguesias (em número de 63) os decréscimos foram superiores a 50%.

As situações mais problemáticas em termos de sustentabilidade demográfica ocorrem nas freguesias em que começa a notar-se uma certa persistência de saldos fisiológicos negativos. Nesta situação temos Cidadelhe, Carvalho de Rei, S. João de Ovil, Sedielos, Medrões, Fontes, Fornelos e Sanhoane, onde desde os anos oitenta surgem valores negativos. Este facto faz com que o balanço intercensitário apresentasse um crescimento natural nulo ou negativo entre 1981 e 1991.

Nas restantes freguesias, nos períodos intercensitários, verificou-se sempre um crescimento natural positivo. Mas, se observarmos o que se passou nos últimos anos da década de oitenta e entre 1990/1994, constatamos que nos surgem outras dezoito freguesias em que no referido quinquénio o crescimento natural se apresenta nulo ou negativo. Estão nesta situação Barqueiros, Oliveira, S. Nicolau, Ansiães, Bustelo, Canadelo, Frende, Gestaço, Ribadouro, Viariz, Pardelhas, Campeã, Torgueda, Pena, Vila Cova, Cumieira, Louredo e Sever. Este facto poderá indicar que o próximo balanço intercensitário poderá já revelar crescimentos naturais negativos. Há outras doze freguesias em que o crescimento

natural continua positivo, mas em 1990/94 era já muito pequeno (inferior ou igual a 5) pelo que poderá tornar-se negativo a breve prazo já que, pelo menos no quinquénio referido, houve um ou mais valores anuais negativos. Nesta situação, estão Jazente, Olo, Rebordelo, Várzea, Mesquinhata, Santa Leocádia, Teixeiraó, Ermelo, Fontelas, Moura Morta, Quintã e S. Miguel de Lobrigos.

FIG. 4 – DINAMISMO DEMOGRÁFICO DA SERRA DO MARÃO



Nas restantes freguesias, o crescimento natural continua a ser francamente positivo e deverá manter-se assim pelo menos até ao fim do século.

Em relação à importância da componente migratória⁵ na dinâmica demográfica da Serra do Marão, verifica-se que, nos anos cinquenta, ela assumiu valores negativos em todas as freguesias com excepção de Vila Cova. Nesta freguesia, o saldo migratório positivo resultou da importância que teve, nessa época, o trabalho nas minas. Na década seguinte, apenas em S. Gonçalo, Cepelos e Lufrei se encontram saldos migratórios positivos, o que está relacionado com o desenvolvimento do centro urbano de Amarante. No período de 1970/81, o acréscimo de 1,1 % da população na Serra do Marão deve-se ao crescimento natural positivo, já que o saldo migratório, embora menor que no período

anterior, continuou negativo. Mas há catorze freguesias que registaram um saldo migratório positivo ou, pelo menos, nulo, como aconteceu em Paradaña. Todas estas freguesias no período 1981/91 vão voltar a ter saldos migratórios negativos com excepção de Madalena que reforça o seu papel atractivo. Para além desta freguesia, vão também apresentar saldos migratórios positivos S. Gonçalo, Cepelos, Fridão, Padronelo, Gestaçô, Grilo, Campelo, S. Miguel de Lobrigos, Mondrões, Quintã e Moura Morta. Estas freguesias absorvem não só o seu crescimento natural, como também são atractivas. No entanto, esta atracção, particularmente nítida no caso do centro urbano de Amarante e de algumas freguesias que o envolvem, é incapaz de impedir a perda de população na Serra do Marão, pelo que não funciona como um *dique*, mas apenas como um *filtro* ao esvaziamento populacional das áreas rurais.

A figura 4 sintetiza a dinâmica demográfica da Serra do Marão. Como áreas de maior dinamismo populacional que têm demonstrado capacidade de fixação e de atracção da população, temos Madalena, S. Gonçalo, Cepelos, Campelo, Fridão, Padronelo e Mondrões. Em todas estas freguesias, o ano de 1991 é o que apresenta o máximo de população de todo o período censitário. O crescimento natural é francamente positivo. O saldo migratório revela-se positivo em 1981/91, mas nas freguesias que integram o núcleo urbano de Amarante registaram-se dois períodos com saldo migratório positivo. Nestas três freguesias, entre 1950 e 1991, o crescimento populacional foi superior a 40 %. Nas restantes, este quantitativo foi menor.

Mondim de Basto, Godim, Várzea e Salvador do Monte também atingem em 1991 o valor máximo da população. Apresentam forte dinamismo demográfico já que entre 1950 e 1991 viram aumentar o seu efectivo populacional. O seu saldo fisiológico é positivo mas não têm capacidade atractiva pois o saldo migratório é negativo em 1981/91, embora, em Mondim de Basto, Godim e Várzea, tenha sido positivo entre 1970/81.

Em Grilo, Moura Morta, Gestaçô, Quintã e S. Miguel de Lobrigos, a população em 1991 era inferior à existente em 1950, embora se possa dizer que os anos oitenta reflectem uma recuperação demográfica que não resulta apenas do crescimento natural, mas também de um saldo migratório positivo. Este conjunto de freguesias apresenta assim indícios de recuperação demográfica.

Já em Viariz e Sanche, não obstante terem perdido mais de 6 % da sua população entre 1950 e 1991, os anos setenta e oitenta são de crescimento populacional. A observação dos saldos fisiológicos após 1991 aponta para uma certa estabilidade em Sanche. No caso de Viariz, embora o crescimento natural, entre 1990/1994, seja nulo, o ano de 1995 apresenta-nos um valor positivo. Estamos, assim, perante duas freguesias que nos apresentam indícios de recuperação demográfica, se bem que o saldo migratório continue a ser negativo.

Existe um outro grupo de cinco freguesias onde o número de habitantes aumentou entre 1950 e 1991. No entanto, se o saldo fisiológico continua positivo, o balanço migratório tem-lhes sido sempre desfavorável. Em Lufrei, o acréscimo populacional no período considerado foi de 40 % e, nos anos oitenta, a população aumentou. Em Gondar, Jazente, Campanhó e Lomba, os acréscimos foram menos significativos, sendo de referir que os seus efectivos diminuíram entre 1981 e 1991. A heterogeneidade deste agrupamento poderá ainda, em nossa opinião, vir a acentuar-se no futuro. De facto, se observarmos o crescimento natural após 1991, verificamos que este continua francamente positivo em Lufrei, o que leva a pensar que o crescimento populacional nesta freguesia se irá continuar a processar. Nas outras quatro freguesias, surge já um

ano em que o crescimento natural é negativo e noutros, embora positivo, é muito reduzido. Podemos caracterizar a situação demográfica destas freguesias como de alguma «estabilidade», mas com indícios de despovoamento.

Nas restantes freguesias, entre 1950 e 1991, assiste-se a um decréscimo populacional cuja intensidade é muito diversa. Podemos falar em despovoamento muito intenso em Sedielos, Sanhoane, Fornelos, S. João de Ovil, Fontes, Carvalho de Rei, Medrões e Cidadelhe. Em todas elas, houve uma redução superior a 40 % no número dos seus habitantes. O saldo migratório é sempre negativo e, em 1981/91, o crescimento natural é já negativo. Se nas quatro primeiras freguesias o decréscimo foi contínuo em todo o período, nas outras quatro, o facto de terem visto a sua população aumentar entre 1960 e 1970, resultante de uma diminuição do saldo migratório, não alterou de forma alguma a tendência de despovoamento que acabou por se confirmar. Em todas elas o ano de 1991 representa o valor mínimo de população desde 1864.

Noutras dezoito freguesias, o despovoamento é também intenso e as características gerais apresentadas para o conjunto anterior também aqui podem ser encontradas. No entanto, há que salientar duas importantes diferenças. A primeira é que nestas freguesias, em 1981/91, o crescimento natural foi ainda positivo, embora em todas elas, com excepção de S. Simão de Gouveia e Loivos do Monte, já surjam, nos finais dos anos oitenta ou pelo menos nos anos noventa, valores negativos ou nulos de saldo fisiológico, se bem que numas com maior incidência do que noutras, como já foi analisado anteriormente. A segunda diferença prende-se com a intensidade de decréscimo da população. Assim, se em Canadelo o decréscimo foi de 53 % e em Ribadouro, Ermelo e S. Nicolau foi superior a 40 %, nas restantes freguesias, os valores são menores apesar de sempre superiores a 20 %.

Nas outras vinte e nove freguesias, o despovoamento tem-se feito sentir, embora não de uma forma tão acentuada. O crescimento natural tem sido sempre positivo e o balanço migratório sempre negativo. Entre 1950 e 1991 registou-se um decréscimo da população, mas o ano de 1991 não representa o mínimo de população de todo o período censitário. No entanto, na última década, a população decresceu. Se em Parada de Cunhos este foi o único período de decréscimo, já em Valadares ou Teixeira o decréscimo entre 1950 e 1991 foi contínuo. Todavia em nossa opinião, mais importante do que valorizar este aspecto será ter em consideração a intensidade que o decréscimo populacional apresentou. Assim, em Vila Chão do Marão, Peso da Régua, Frende, Teixeira e Vila Jusã, esse é superior a - 15 %. A inclusão de Peso da Régua neste agrupamento poderá explicar-se pelo crescimento dos serviços inerentes à sua função urbana, sendo a função habitacional deslocada, fundamentalmente, para Godim, em função de uma maior disponibilidade de terrenos a custos mais favoráveis. A título de curiosidade, podemos referir que, em Peso da Régua, de 1991 a 1995, só o ano de 1993 não apresenta crescimento natural negativo. Noutras doze freguesias, o decréscimo do número de habitantes situou-se entre 15 e 25 %. Nas restantes doze, o decréscimo foi inferior a 25 %, surgindo valores superiores a 35 % em Olo, Santa Cristina e em S. Tomé de Covelas.

Parece evidenciado o papel que os centros urbanos têm no dinamismo demográfico e que é grandemente influenciado pela sua dimensão populacional que está ainda muito relacionado com o nível funcional. O núcleo urbano de Amarante funciona como a mais importante área de crescimento populacional interno da Serra do Marão, mas também cria mecanismos de fixação de população nas áreas envolventes. Como é óbvio esta capacidade depende do próprio dinamismo económico e social de cada um dos centros

urbanos. Com efeito, os restantes núcleos urbanos integrados na área têm um menor dinamismo. Mas, sendo Vila Real um aglomerado urbano hierarquicamente superior aos existentes no perímetro da Serra do Marão, qual o seu impacto na dinâmica demográfica da mesma? O único aspecto que poderá ser utilizado como resposta poderá ser o facto de Mondrões ser uma freguesia com forte dinamismo demográfico a que a proximidade a Vila Real não é de modo algum estranha.

Paralelamente, verifica-se que aumenta a área de menor densidade populacional onde não surgem sinais de inversão do processo de despovoamento. Este facto coloca indiscutivelmente problemas na qualificação desses espaços e de qualidade de vida à população que aí vive, pois, vê diminuir o seu nível de equipamentos por não apresentar os limiares populacionais mínimos necessários há viabilidade dos mesmos. No entanto, estes contrastes deverão, ainda, ser definidos à escala de lugar, para assim delimitar com maior precisão sobretudo as áreas de despovoamento mais intenso que poderão também ter alguns exemplos em freguesias que apresentam forte dinamismo demográfico. De facto, a freguesia encerra em si mesma grandes contrastes principalmente se apresenta uma grande superfície. A título exemplificativo, podemos referir Campelo, sede do concelho de Baião. A expansão urbanística da vila é reflexo desse dinamismo demográfico, no entanto, também encontramos nesta freguesia núcleos populacionais que se esvaziaram por completo como Vale Abrigoso (nos anos sessenta) ou Currais (nos anos oitenta) ou, ainda, Almofrela que tem visto reduzir-se o quantitativo dos seus habitantes. Assim, poderemos dizer que os limites que estabelecemos são ainda demasiado grosseiros para delimitar as áreas com maiores problemas de despovoamento.

5 – O ENVELHECIMENTO: Um Processo Irreversível?

Um outro aspecto fundamental em termos de sustentabilidade demográfica das áreas de montanha é a sua estrutura etária. A idade, ao determinar o processo de reprodução e de envelhecimento do ser humano, intervém de uma forma marcada na dinâmica da população (R. PRESSAT, 1971). A repartição de uma população num dado momento, segundo o sexo e a idade dos seus elementos, é uma característica muito importante pelas implicações sócio-económicas que induz. Com efeito, as características e as aptidões dos indivíduos modificam-se com a idade e suscitam por parte do Estado e dos organismos económicos, sociais e culturais equipamentos e funções diferentes. Mas, para além do efeito da idade, não devemos menosprezar o efeito da geração que traz a marca de toda uma série de factores demográficos, económicos, sociais e mesmo culturais.

Face às implicações do envelhecimento sobre o futuro ordenamento da Serra do Marão em termos de rentabilização dos equipamentos e de infra-estruturas, importa pormenorizar a estrutura etária da população, as assimetrias espaciais e as principais tendências evolutivas que se desenham. Para a sua concretização, optou-se por uma análise espacialmente integrada em que se procura estabelecer a intensidade de envelhecimento da Serra do Marão, definir a sua diversidade interna e posicioná-la no contexto nacional de modo a relativizar os níveis do fenómeno.

Em 1981, cerca de 40,7 % da população residente na Serra do Marão tinha menos de 20 anos. Os adultos representavam 47,8 % e a percentagem de idosos situava-se na ordem dos 11,5 %. Ao comparar-se esta situação com a existente em 1991, constata-se que o número absoluto de jovens sofreu um decréscimo, representando agora

apenas 33 % da população residente. Este valor é, todavia, ainda superior à média nacional (28,2 %).

A proporção de adultos e idosos, se bem que tenha aumentado na última década, particularmente no caso dos idosos (13,3 %), é, ainda, inferior à média nacional. Daqui se conclui que a Serra do Marão se apresenta menos envelhecida que o território nacional tanto pelo topo como pela base. Mas ao nível da freguesia será que esta uniformidade de comportamento se manifesta?

De facto, a esta escala territorial, muitos contrastes se evidenciam na estrutura etária e a intensidade do envelhecimento assume variantes que é preciso conhecer para poder responder-se a duas questões fundamentais: qual a dimensão do envelhecimento neste território? Será o envelhecimento um fenómeno irreversível? Se, a nível global, o envelhecimento é um processo de que não se vislumbra o fim, a nível local importa encará-lo na sua real dimensão pelas implicações de índole social e económica que lhe estão inerentes.

À escala de freguesia existem, efectivamente, fortes contrastes (Quadro III, em anexo). Em 1991, a proporção de jovens oscilava entre 22,9 %, em Vila Cova e 45,9 % em Pardelhas. Na última década, a proporção de residentes com menos de 20 anos sofreu uma redução em todas as freguesias com excepção de Grilo.

Em 62 freguesias, os adultos representam mais de metade da população residente. O valor máximo ocorre em Quintã (62,1 %) e o menor em Canadelo (40,6 %). Em Carvalho de Rei, Oliveira e Canadelo, a proporção de adultos sofreu um decréscimo, mas, nas restantes freguesias, passou-se precisamente o contrário.

No que respeita aos idosos, a sua representatividade é muito contrastada. Se em Vila Jusã (7,8 %), Madalena (9,2 %), Sanche (9,2 %) e Godim (9,9 %) representam menos de 10 % dos habitantes de cada freguesia, em Carvalho de Rei atinge já 28,6 % e em Fontes (20,2 %), Louredo (20,6 %), S. João Ovil (23,8 %), Vila Cova (21,1 %), Canadelo (24,4 %) e Fornelos (25,2 %) também é superior a 20 %. Em Paradaña, a percentagem de idosos manteve-se. Noutras treze freguesias, a proporção de pessoas com 65 e mais anos diminuiu, contudo se atentarmos nos valores do índice de envelhecimento, apenas em seis delas poderemos falar em rejuvenescimento.

De facto, se nos basearmos na comparação dos valores do índice de envelhecimento em 1981 e em 1991, verifica-se que somente em Grilo, Vila Jusã, Santa Cristina, Rebordelo, Viariz e S. Nicolau se pode falar em rejuvenescimento. Na primeira freguesia referida, assistiu-se a um aumento dos jovens e a um decréscimo dos idosos pelo que se pode falar de rejuvenescimento pela base e pelo topo. Nas restantes, assiste-se a um rejuvenescimento pelo topo, pois a proporção de idosos diminuiu e há um certo envelhecimento pela base, em consequência de um decréscimo das pessoas com menos de 20 anos. É interessante referir que este rejuvenescimento ocorreu em freguesias com valores do índice de envelhecimento muito diferentes, oscilando entre os 57,9 % de S. Nicolau e os 20,3 % de Vila Jusã.

Nas restantes freguesias, o índice de envelhecimento sofreu um aumento mais ou menos intenso entre 1981 e 1991 surgindo, no entanto, diversas variantes. Em sete freguesias (Sanche, Várzea, Valadares, Folhada, Cidadelhe, Medrões e Quintã), assistiu-se efectivamente a um envelhecimento, contudo houve um certo rejuvenescimento pelo topo, já que a proporção de residentes com 65 e mais anos diminuiu.

Como já foi referido, em Paradaña, constatou-se um envelhecimento pois, embora a proporção de população idosa não tenha sofrido alteração, os jovens registaram um

decréscimo. Em todas as outras freguesias, houve um aumento da proporção de idosos, uma redução dos jovens, mas os adultos apresentaram um comportamento divergente. Em Carvalho de Rei, Canadelo e Oliveira, a percentagem de pessoas com 20 a 64 anos diminuiu e, nas restantes, passou-se precisamente o contrário. Esta dualidade de comportamento não é, neste momento, sinónimo de diferentes intensidades do processo de envelhecimento. De facto, em Carvalho de Rei, os jovens são menos numerosos que os idosos (índice de envelhecimento de 121,7 %) e os adultos decresceram. Já em Oliveira, embora tenha havido uma evolução semelhante, o índice de envelhecimento assume valores muito menores (36,5 % com uma percentagem de idosos de 13,5 %). Um outro exemplo é dado por Fornelos com um índice de envelhecimento de 107,2 % e onde os adultos sofreram um acréscimo.

Ao relacionarmos a variação do índice de envelhecimento com a variação da população residente, verifica-se que, nas vinte e uma freguesias em que a população aumentou, apenas em Viariz e Grilo o índice de envelhecimento não aumentou. Em Rebordelo, Santa Cristina, Vila Jusã e S. Nicolau, o rejuvenescimento da população processou-se, embora tenham diminuído os residentes. Nas restantes unidades territoriais, comprova-se que, apesar do decréscimo populacional ter sido acompanhado por um aumento do envelhecimento, não é possível estabelecer qualquer relação quantitativa entre os fenómenos. Do que foi dito, conclui-se que, mantendo-se a tendência decrescente da fecundidade, os movimentos migratórios vão ser importantes na justificação das diferentes facetas do processo de envelhecimento na Serra do Marão.

O envelhecimento da população é, sem dúvida, um fenómeno que modifica de maneira mais ou menos lenta, mas irreversível, o suporte demográfico das sociedades, rompe certos equilíbrios sócio-económicos e impõe uma nova maneira de os encarar num contexto de desenvolvimento futuro. Como se pode demonstrar, o envelhecimento não deve ser encarado de um modo estável comportando-se de uma forma sempre uniforme e tendente a um aumento (P.-J. THUMERELLE, J.-F. GHÉKIÈRE, 1992). Foram vários os exemplos apresentados que indiciam neste sentido.

Falou-se no processo de envelhecimento e procurou-se conhecer a sua dimensão, mas será que poderemos definir limites quantitativos para individualizar freguesias envelhecidas daquelas em que esse processo não é tão forte? Para WEEKS (1981), uma população é jovem se os indivíduos com menos de 15 anos representarem pelo menos 35 % do total e é designada por velha se 10 % dos habitantes tiver 65 ou mais anos. Mais de acordo com a situação actual, Paillat e Parant (1987) consideram jovem toda a unidade territorial em que a percentagem de velhos não ultrapassa 15 %. Aplicando esta classificação à área em estudo, verifica-se que, das 82 freguesias, 56 podem ser consideradas como jovens. Neste contexto, a Serra do Marão, se bem que tenha áreas bastante envelhecidas (Carvalho de Rei, Canadelo e Fornelos), apresenta-se maioritariamente com uma estrutura etária ainda jovem.

6 - CONCLUSÃO

A sustentabilidade das áreas rurais tem na componente demográfica uma base fundamental.

As áreas de montanha assumidas como genericamente remotas, periféricas, desfavorecidas, em termos de condições naturais e de acessibilidade, apresentam, sem

dúvida, uma grande heterogeneidade que deve ser evidenciada à micro-escala. Mas, a este nível, defrontamo-nos com um problema fundamental: será que as diferenças entre os valores dos indicadores demográficos calculados para duas populações reflectem comportamentos distintos ou serão resultado de um processo estocástico ligado à reduzida dimensão das populações submetidas ao risco e às fracas taxas de ocorrência dos acontecimentos demográficos? (M., POULAIN, 1996).

A Serra do Marão continua a perder população, contudo, internamente duas tendências contrárias evidenciam-se. Se parte deste território continua a desvitalizar-se em termos demográficos, os centros urbanos reforçam a sua posição e influenciam a dinâmica populacional das áreas envolventes. Nas áreas de maior despovoamento, mais do que contar com o retorno dos que migraram para as áreas urbanas da região ou do litoral ou dos que eventualmente ainda poderão voltar do estrangeiro, importa criar condições para que a migração dos jovens activos não se continue a fazer. Este aspecto é fundamental para muitos núcleos de povoamento que ainda não atingiram níveis fortes de despovoamento porque, para muitos outros, já só o retorno poderá restituir a sua vitalidade. É preciso qualificar a vida das populações rurais, permitir-lhes ter acesso às mesmas oportunidades em termos de educação, formação profissional e cultura. A qualificação dos recursos humanos é fundamental no posicionamento das áreas rurais no espaço sócio-económico nacional. De facto, o espaço rural, mais do que controlar ou simplesmente adaptar-se à mudança, deverá adoptar uma estratégia de inovação que seja capaz de antecipar a própria mudança (C., COURLET, 1995). Não nos esqueçamos que o espaço rural não renasce por decreto. O desenvolvimento local é primeiramente feito pela consciência e a vontade colectivas. Neste domínio, não há experiências tipo. Cada lugar «inventa» o seu próprio modelo (P. HOUÉE, 1992).

BIBLIOGRAFIA

- BERGER, A.; ROUZIER, J. – *L'espace rural, élargissement conceptuel et orientation méthodologique* – ÉCONOMIE RURALE, SFER – Paris n.º 229, 1995, pp. 3-9.
- BODIGUEL M. – *Le rural em question*. L'Harmattan, Paris, 1986.
- CAVACO, C. – *Do despovoamento ao desenvolvimento local*. Programa das artes e Ofícios tradicionais – Direcção Geral do Desenvolvimento Regional, Lisboa, 1994.
- DECROLY J., GRIMMEAU J. – *La démographie à l'échelle locale. Une géographie de la population de la Belgique dans les années 80* – COURRIER HEBDOMADAIRE DU CRISP n.º 1308-1309, 1991.
- POULAIN, M. et al – *De la variabilité des paramètres démographiques pour les petites populations* – ESPACE, POPULATIONS, SOCIÉTÉS n.º 1, Lille, pp. 93-102, 1996.

NOTAS

- ¹ A área por nós definida como Serra do Marão integra actualmente 82 freguesias pertencentes aos municípios de Amarante, Baião, Marco de Canaveses, Mesão Frio, Mondim de Basto, Peso da Régua, Santa Marta de Penaguião e Vila Real. Em 1864 existiam apenas 79 freguesias. As alterações na divisão administrativa que se verificaram na área de estudo, são de dois tipos diferentes. Por um lado, a criação de novas freguesias e, por outro, tentativas de anexação de freguesias. Em relação ao primeiro caso, vamos enumerar as situações que ocorreram: Vinhós foi criada pelo decreto-lei n.º 23331, de 11/12/1933 com lugares da freguesia de Sedielos; pelo decreto-lei n.º 26462 de 25/02/1939 foi criada a freguesia de Ribadouro a partir de lugares das freguesias de Ancede e Santa Leocádia; Olo foi criada pelo decreto-lei n.º 23501, de 25/01/1934, a partir de lugares da freguesia de Sanche. Em relação à segunda forma podemos referir que, nos Censos de 1911 a 1930, Mondim de Basto e Paradança aparecem juntos, o mesmo acontecendo com Pardelhas e Campanhó. Nos Censos de 1911 a 1930, Aboadela tinha anexada a freguesia de Várzea, que pelo decreto-lei n.º 23544 de 3/02/1934 passaram a constituir freguesias autónomas. Nos censos de 1864 a 1900 Várzea de Ovelha e Aliviada eram freguesias distintas aparecendo anexadas nos censos seguintes.
- ² O ano de 1929 representa o início da publicação dos Anuários Demográficos, que a partir de 1967 o Instituto Nacional de Estatística passou a designar por Estatísticas Demográficas. A informação aí existente permite-nos, através do método do movimento natural, calcular os saldos migratórios, mas tendo o concelho como máximo de desagregação territorial. Só a partir de 1991 o INE disponibiliza esse tipo de informação ao nível de freguesia. Para o período anterior a 1991, realizar este tipo de abordagem a este nível territorial só é possível, fazendo recolha directa dos nascimentos e óbitos nas Conservatórias de Registo Civil, o que fizemos para o período de 1950 a 1991.
- ³ Uma outra limitação prende-se com o facto de apenas os concelhos de Baião e Mesão Frio estarem integralmente inseridos na área de estudo.
- ⁴ Quando foi criada a freguesia de Vinhós, um dos lugares que nela estava integrado era Ferraria. Todavia, em 1976, pelo decreto-lei n.º 734/76 de 15 de Outubro, a povoação mencionada volta a fazer parte da freguesia de Sedielos, onde ainda hoje se mantém. A razão desta alteração foi a vontade expressa pela maioria da população do referido lugar. O Recenseamento da População de 1991 contabiliza os residentes em Ferraria como pertencentes à freguesia de Vinhós, o que não é correcto pelo facto de o decreto-lei referido se encontrar em vigor. Assim, em 1991, a população de Vinhós seria de 725 pessoas em vez dos 866 habitantes. A de Sedielos seria de 1605 pessoas em vez das 1464 que constam da publicação do INE.
- ⁵ Os saldos migratórios foram avaliados utilizando o método do movimento natural. O valor do saldo migratório obtido como residuo integra os efeitos de eventuais erros introduzidos nas componentes da Equação Geral da População. Por isso, os valores apresentados devem ser utilizados como uma mera aproximação.

